

Pesquisas

UM PROBLEMA DE REGÊNCIA: SINTAXE E SEMÂNTICA

Tânia Regina Eduardo Domingos
Mestrado em Língua Portuguesa
Faculdade de Letras - UFRJ

O presente trabalho consiste numa análise da regência verbal em duas abordagens: na gramática tradicional e na transformacional.

Para fazê-lo fizemos o levantamento de alguns verbos para compor o "corpus" e, pesquisa em diversas gramáticas: normativas e gerativo-transformacional, assim como, em trabalhos de lingüistas como Chonsky, Fillmore, Katz, Fodor.

A proposta não é apenas um levantamento de dados, mas principalmente, a partir destes, identificar e averiguar, num estudo mais crítico, a regência verbal em alguns casos no português.

Os verbos pesquisados foram os seguintes:

- 1 - enojar
- 2 - acabar
- 3 - acumular
- 4 - abrigar
- 5 - reunir
- 6 - excluir
- 7 - continuar
- 8 - abundar

Outros verbos trabalhados para exemplificar sentenças: comer; rir; encontrar; decorrer; competir; vir; partir; chegar; tornar; persuadir; atribuir; jogar; poder; assustar; realizar; adorar; cumprir; aparecer.

2 - A GRAMÁTICA TRADICIONAL

2.1 - Observações iniciais

A gramática normativa é uma disciplina, didática por excelência, que tem por finalidade codificar o "uso idiomático", de induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta.

Pautadas no modelo grego-latino, as gramáticas tradicionais do português, além de se apoiarem em hipóteses nocionais para a classificação dos fenômenos lingüísticos, apresentam uma grande imprecisão não só na escolha de uma definição dos termos usados como também na sua própria concepção de gramática.

Divide-se a Gramática em três partes:

- a) **Fonética e Fonologia:** estudo dos fonemas e sua combinação, e dos caracteres prosódicos da fala, como o acento e a entoação;
- b) **Morfologia:** estudo das formas, sua estrutura e classificação;
- c) **Sintaxe:** estudo da construção da frase.

Devido a essa concepção de gramática, o conteúdo veiculado pelas formas lingüísticas não é considerado como fazendo parte do sistema da língua e seu estudo específico é abandonado. O máximo que faz com relação à semântica é, em alguns casos, construir um capítulo onde, geralmente, se procura observar a palavra sob o ponto de vista de seu significado e, por isso mesmo, descrever-se a sinonímia, a homonímia, o sentido figurado, a antonímia, a polissemia, etc.; isto é, compreendê-la com sinônimo de léxico, no sentido de vocabulário.

A regência está relacionada ao sintagma, entendido como a combinação de duas formas, em que uma, **determinante** (regido), estabelece um vínculo de subordinação com a outra, **determinado** (regente). Há uma relação necessária entre os dois termos, um dos quais é complemento (no sentido de que completa o sentido) de outro. Seu caráter essencial é a dependência. Ser regido por um termo significa ser necessário para completar o sentido deste termo.

Há verbos que mudam de significado de acordo com o complemento que regem:

- a. **Acabei** o trabalho.
- b. Ele **acabou de** sair

2.2 - A regência de alguns verbos

2.2.1 - Enojar

É verbo transitivo: Não **enojo** ninguém.

Reflexivo biobjetivo: Já **de** guerras inúteis. **enojado**.

2.2.2 - Acabar

É verbo transitivo direto. Levar a cabo: **Acabei** o trabalho. Intransitivo e pron., chegar ao cabo: A guerra **acabou**. **Acabou-se** o verão. Trans. dir. com posverbo, no sentido de pôr fim, extinguir, dar cabo: O infeliz **acabou com** a vida. Forma com a preposição **de** locuções para significar que a ação do verbo no infinitivo aconteceu pouco antes. Ele **acabou de** sair. A preposição **com** dá-lhe uma carga afetiva de instantaneidade. **Acabemos com** isto.

2 - A GRAMÁTICA TRADICIONAL

2.1 - Observações iniciais

A gramática normativa é uma disciplina, didática por excelência, que tem por finalidade codificar o "uso idiomático", de induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta.

Pautadas no modelo grego-latino, as gramáticas tradicionais do português, além de se apoiarem em hipóteses nocionais para a classificação dos fenômenos lingüísticos, apresentam uma grande imprecisão não só na escolha de uma definição dos termos usados como também na sua própria concepção de gramática.

Divide-se a Gramática em três partes:

- a) **Fonética e Fonologia:** estudo dos fonemas e sua combinação, e dos caracteres prosódicos da fala, como o acento e a entoação;
- b) **Morfologia:** estudo das formas, sua estrutura e classificação;
- c) **Sintaxe:** estudo da construção da frase.

Devido a essa concepção de gramática, o conteúdo veiculado pelas formas lingüísticas não é considerado como fazendo parte do sistema da língua e seu estudo específico é abandonado. O máximo que faz com relação à semântica é, em alguns casos, construir um capítulo onde, geralmente, se procura observar a palavra sob o ponto de vista de seu significado e, por isso mesmo, descrever-se a sinonímia, a homonímia, o sentido figurado, a antonímia, a polissemia, etc.; isto é, compreendê-la com sinônimo de léxico, no sentido de vocabulário.

A regência está relacionada ao sintagma, entendido como a combinação de duas formas, em que uma, **determinante** (regido), estabelece um vínculo de subordinação com a outra, **determinado** (regente). Há uma relação necessária entre os dois termos, um dos quais é complemento (no sentido de que completa o sentido) de outro. Seu caráter essencial é a dependência. Ser regido por um termo significa ser necessário para completar o sentido deste termo.

Há verbos que mudam de significado de acordo com o complemento que regem:

a. **Acabei** o trabalho.

b. Ele **acabou de** sair

2.2 - A regência de alguns verbos

2.2.1 - Enojar

É verbo transitivo: Não **enojo** ninguém.

Reflexivo biobjetivo: Já **de** guerras inúteis, **enojado**.

2.2.2 - Acabar

É verbo transitivo direto. Levar a cabo: **Acabei** o trabalho. Intransitivo e pron., chegar ao cabo: A guerra **acabou**. **Acabou-se** o verão. Trans. dir. com posverbo, no sentido de pôr fim, extinguir, dar cabo: O infeliz **acabou com** a vida. Forma com a preposição **de** locuções para significar que a ação do verbo no infinitivo aconteceu pouco antes. Ele **acabou de** sair. A preposição **com** dá-lhe uma carga afetiva de instantaneidade. **Acabemos com** isto.

2.2.3 - Acumular

É verbo biobj.: Muitos **acumulam** a magistratura **com** o magistério.

2.2.4 - Abrigar

É verbo biobj. Pôr a salvo de alguma coisa: Sob aquele alpendre **abriguei-me** da chuva. Muito usado diretamente transitivo, no sentido de proteger. **Abrigue** esta pobre-zinha.

2.2.5 - Reunir.

É verbo biobj.: A todas as outras virtudes **reúne** a prudência. Quando se quer sa-lientar aquilo a que se reúne: Hoje vou **reunir-me** **com** os meus amigos.

2.2.6 - Excluir

É verbo biobj.: E na escola **excluíam-no** dos brinquedos.

2.2.7 - Continuar

É verbo intrans.: O espetáculo **continua**. Trans. dir.: **Continue** o seu trabalho. Em locuções verbais: **Continua a** chover. Tens. dir. com posvérbio, quando o ato se liga a dificuldades supervenientes: Apesar de tudo, é preciso **continuareis** **com** o trabalho.

2.2.8 - Abundar

É verbo trans. ind. **Abundar** a serra de viveres e mantimentos. Modernamente: **Abundar** em dinheiro.

Com o tratamento dado à regência dos verbos em português a gramática tradicional, embora não seja esse o seu propósito, espelha a dificuldade que o falante nativo enfrenta na escolha de uma regência verbal. Na realidade, o que acontece com o falante nativo é que este reproduz regências já ouvidas e memorizadas ou obedece a sua intuição na escolha de regências para verbos cujo regime ainda não está memorizado.

3 - A GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

3.1 - Observações iniciais

A teoria lingüística tem antes de mais nada como objeto um falante-ouvinte, situado numa comunidade lingüística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos).

A gramática gerativo-transformacional é uma tentativa de explicar a competência do falante-ouvinte ideal, a partir de seu desempenho. Tem como pressuposto a idéia de que uma língua se baseia num sistema definido de regras que determinam a interpretação do número indefinido de suas frases e, por isso, essas regras podem se aplicar iterativamente.

O indivíduo possui habilidades que lhe permitem emitir julgamentos intuitivos sobre as seqüências geradas. Apresentando-se a um falante nativo as seqüências:

(1) O menino comeu a banana.

(2) * Banana o a comeu menino.

ele, automaticamente, apontará (1) como aceitável, enquanto (2) lhe parecerá inaceitável. Como o julgamento é feito em graus, é possível ao falante-ouvinte nativo jul-

gar qual a melhor entre duas ou mais seqüências, qual a ordem da aceitabilidade entre elas, etc.

(3) *O menino comeu a tristeza.

(4) *A tristeza comeu a banana.

(5) *A tristeza comeu o menino.

(6) *O menino riu a banana.

entre (2), (3), (4), (5) e (6), o julgamento intuitivo do falante nativo indica a seguinte ordem de aceitabilidade: (3), (4), (5), (6) e (2).

A gramática gerativo-transformacional abandona o significado como base de classificação dos fatores gramaticais para fazer uma descrição a partir do emprego ou da função de cada classe de vocábulos e, nesse sentido, é uma gramática formal.

Qualquer falante nativo é capaz de dividir uma sentença em partes, isto é, de reconhecer os sintagmas que a compõem. Dado (1), ele reconhecerá [comeu a banana] como uma das partes da sentença. Se lhe solicitamos uma nova divisão, ele apresentará [comeu] e [a banana] e nunca [comeu a] [banana], que a sua intuição rejeita. A sua intuição lhe indicará a seguinte divisão para (1): [[O] [menino]] [[comeu]] [[a]] [[banana]].

Deste modo, ele depreende os constituintes imediatos do enunciado.

3.2 - A estrutura do léxico na proposta de Chomsky

Descrevemos o léxico simplesmente como um conjunto de entradas lexicais, cada uma consistindo numa matriz de traços distintivos e num símbolo complexo, sendo este último um conjunto de traços de vários tipos (traços sintáticos e semânticos, traços que especificam quais os processos morfológicos ou transformacionais que se aplicam sobre as seqüências contendo os itens em questão, traços que tornam certos itens isentos da aplicação de determinadas regras fonológicas, etc.).

O modelo da gramática gerativo-transformacional apresenta três componentes: o sintático, o fonológico e o semântico. O componente sintático é formado de uma base-composta por um léxico e um componente categorial - e de um componente transformacional. O componente categorial e o léxico geram a estrutura profunda (EP) sobre a qual vão agir o componente transformacional e o componente semântico. O primeiro tem como função a geração da estrutura superficial (ES), sobre a qual atuará o componente fonológico responsável pela sua representação fonética. Ao segundo cabe a interpretação semântica da sentença.

A nova proposta de Chomsky é de que as regras de interpretação semântica podem ser associadas em dois níveis - EP e ES - que determinam aspectos diferentes e bem específicos da interpretação semântica. Chega assim à constatação de que certos aspectos da representação semântica são determinados pela EP, outros pela ES e outros pelas duas ao mesmo tempo.

Assim a posição da regência verbal corresponde bem de perto à noção que o falante-ouvinte tem dela.

Anteriormente, em 3.1 discutiu-se sobre a aceitabilidade das sentenças em (3), (4), (5) e (6).

O problema que leva o falante-ouvinte a não aceitar tais sentenças está relacionado à possibilidade de coocorrência de itens lexicais. No caso de (3), (comeu) só pode ter como complemento algo possível de ser comido, o que não é o caso de (tristeza);

em (4) o complemento é aceitável mas o sujeito não o é, [comer] exige que o sujeito seja alguém que possa praticar tal ato, o que não é o caso de [a tristeza]; em (5) tanto o objeto quanto o sujeito são inaceitáveis e em (6), [rir] não pode **rir alguma coisa** - sua regência não foi obedecida; o único complemento possível com este tipo de verbo é o advérbio de modo. Todo este mecanismo de coocorrência de itens lexicais no contexto, que o falante nativo possui, encontra na gramática gerativo-transformacional um paralelo nas noções de **subcategorização estrita e seleção**.

A subcategorização estrita - correspondente ao que a gramática tradicional chamada de regência verbal - analisa o item lexical em função de seu contexto categorial. (6) é um caso de desvio resultante da não obediência à subcategorização do verbo **rir**, isto é, **rir** só pode ocorrer nos seguintes contextos categoriais: [--- ++] e [--- Adv. Modo]. A seleção analisa o item em função dos traços sintáticos dos quadros estruturais em que ele ocorre. **Comer** exige sujeito [+ animado] e objeto [+ comestível]; quando uma dessas restrições de seleção não é obedecida, ou ambas não o são, há a inaceitabilidade das seqüências por parte do ouvinte nativo, como acontece com (3), (4) e (5).

O léxico é, então, uma lista não ordenada de todos os formativos lexicais.

Além desse conjunto não ordenado de entradas lexicais, o léxico, na proposta de Chomsky, é formado por certas regras de redundância que acrescentam e especificam traços, sempre que estes forem predizíveis por uma regra geral. São do tipo:

[+ Comum]	→	[+/- Numerável]
[+ Numerável]	→	[+/- Animado]
[+ Animado]	→	[+/- Humano]

Além dessas, há também regras de redundância fonológica e redundância semântica.

3.3 - As fronteiras entre a sintaxe e a semântica

É perfeitamente claro que as teorias atuais da sintaxe e da semântica são altamente fragmentáveis e provisórias, e que põem em jogo questões em aberto de uma natureza fundamental.

A distinção entre traços de subcategorização estrita e traços de seleção, formalmente bem definida, parece ligar-se bastante de perto com uma distinção importante na utilização da linguagem. Os Verbos são subcategorizados estritamente em Intransitivos, Transitivos, pré-Adjetivos, pré-Frase, etc. Nestes casos, a violação das regras produzirá seqüências como as seguintes:

- (1) a. o Paulo encontrou triste.
- b. o Paulo decorreu que Cláudio viesse.
- c. o Paulo compeliu.
- d. o Paulo tornou Cláudio a partir
- e. o Paulo persuadiu grande autoridade a Cláudio.

Por outro lado, o não cumprimento de uma regra de seleção produzirá os seguintes exemplos:

- (2) a. as incolores idéias verdes dormem furiosamente
b. o golfe joga a Paulo
c. o homem pode assustar a sinceridade
d. o sofrimento adora a companhia
e. eles realizam os seus lazeres com atenção

Para descobrir as violações das frases de (1), podemos compará-las com as seguintes:

- a. o Paulo tornou-se triste
b. o Paulo pensou que Cláudio viesse
c. o Paulo chegou
d. o Paulo compeliu Cláudio a partir
e. o João atribuiu grande autoridade a Cláudio

É evidente que seqüências como (1), que violam regras de subcategorização estrita, e seqüência como (2), que violam regras de seleção, são desviantes. É necessário impor-lhes de algum modo uma interpretação - sendo esta uma tarefa que varia em dificuldade ou em emulação de caso para caso - ao passo que a questão de impôr uma interpretação não se põe no caso de frases estritamente bem formadas como

- (3) a. as idéias revolucionárias novas aparecem raramente
b. o Paulo joga ao golfe
c. a sinceridade pode assustar o homem
d. o Paulo adora companhia
e. eles cumprem o seu dever com atenção.

No entanto, o tipo de desvio ilustrado em (2) é muito diferente daquele ilustrado em (1). As frases que violam regras de seleção podem ser interpretadas muitas vezes metaforicamente ou alusivamente, de um modo ou de outro, se for fornecido um contexto apropriado de maior ou menor complexidade.

Uma gramática descritivamente adequada deveria estabelecer todas estas distinções sobre bases formais, e uma gramática do tipo que acabamos de descrever parece estabelecê-las, pelo menos numa certa medida. Distingue perfeitamente frases bem construídas como as de (3) das frases de (1) e de (2), as quais não são diretamente geradas pelo sistema de regras gramaticais. Mais ainda, separa as frases de (1), geradas por uma atenuação das regras de subcategorização estrita, das frases de (2), as quais são geradas quando as regras de seleção são atenuadas.

Chomsky acrescenta que é necessário trazer a esta discussão sobre a relação entre a sintaxe e a semântica uma precisão fundamental. Porém, ele mesmo ainda conclui que descreve a competente semântica como sendo um sistema de regras que atribue leituras a constituintes de Indicadores Sintagmáticos - um sistema que, para além disto, não possui nenhuma estrutura intrínseca. Mas que esta descrição não é suficiente.

Ainda acrescenta que a estrutura sintática e semântica das línguas naturais oferece evidentemente muitos mistérios, tanto no que diz respeito aos fatos como no que diz respeito aos princípios, e que qualquer tentativa de delimitar as fronteiras destes domínios terá de ser certamente muito provisória.

Chomsky deixou bem claro o quanto o campo está aberto às pesquisas sobre o assunto, pois ainda há muita limitação sobre o fato.

4 - CONCLUSÃO

1. A regência verbal é um problema que, embora deva ser visto individualmente para cada verbo da língua, permite algumas regularidades, como os verbos que admitem objeto direto ou indireto respectivamente.

2. Um estudo sério de regência verbal não pode ignorar a semântica. Para o falante, semântica e sintaxe andam juntos em matéria de regência e a gramática deve ser capaz de demonstrar essa interrelação.

3. A gramática gerativo-transformacional, fazendo com que o componente semântico interprete a estrutura sintática, aproxima-se bastante dessa intuição do falante em relação ao complemento verbal.

4. O desvio de seleção cria metáforas na língua. Assim, a gramática retrata a intuição do falante e o léxico a formaliza. Esse desvio seria menor se desobedecesse à subcategorização estrita.

BIBLIOGRAFIA

- 1) - ALI, M. Said. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964. 375 p.
- 2) - BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 27. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982. 374 p.
- 3) - CHOMSKY, Noan. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Trad. José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Armênio Amado, 1975, 371 p.
- 4) - CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, FENAME, 1975. 655 p.
- 5) - KATZ, Jerrol J. (1966). Teoria semântica. In: **A SEMÂNTICA na lingüística moderna: o léxico**. Sel. intr. e rev. tec. de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. p. 62.75.
- 6) - LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1982. 506 p.
- 7) - LYONS, John. **As idéias de Chomsky**. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1973. 122 p.
- 8) - NIQUE, Christian. **Iniciação metódica à gramática gerativa**. Trad. Edward Lopes. São Paulo, Cultrix, 1977. 190 p.